

CAPÍTULO 15

UTILITARISMO E A VISÃO DA PSICANÁLISE

Rosemary Reis

Psicanalista Summus MG

RESUMO

Este artigo discute o Utilitarismo como uma teoria ética distinta da ética psicanalítica. Os principais autores dessa versão clássica filosófica do utilitarismo são Jeremy Bentham, James Mill e John Stuart Mill. O utilitarismo que se baseia no princípio da utilidade tendo como definição clássica de princípio o prazer e a ausência da dor que são desejados por todos os seres humanos e em que cada pessoa busca seu próprio prazer. A psicanálise a partir das ideias de Sigmund Freud e Jacques Lacan se fundamenta em sua própria ética em não fazer promessas enganosas de sucesso absoluto sobre o mal-estar humano, pois um processo de análise é ético quando o analista não antecipa as respostas ao analisante, não atendendo à sua demanda, e este se torna capaz de reconhecer qual é seu desejo, qual a origem de seu sofrimento, seu sintoma e como seu sofrimento está relacionado com suas escolhas na vida. A psicanálise tem o inconsciente como guia das escolhas humanas, por acreditar que seja possível para o homem usar sua potência criadora, podendo ser “ético”, a partir de seu desejo.

PALAVRAS-CHAVE: Utilitarismo; Ética; Moral; Prazer e dor. Psicanálise; Inconsciente; Princípio de Prazer; Desejo; gozo.

INTRODUÇÃO

O empirismo britânico figura entre as mais importantes fontes filosóficas que deram origem à psicanálise, embora tenha recebido muito pouco destaque na literatura de comentário psicanalítico até então. Watson (1958) fez notar a influência dos utilitaristas na conceituação dos “princípios de dor-prazer-realidade” psicanalíticos a partir do resgate das traduções de textos de Stuart Mill por Freud. Tal vínculo, porém, permaneceu praticamente inexplorado até o início dos anos 2000, quando é retomada a questão por autores como Molnar (1999) e Recaut (1999) sob um enfoque histórico e estudiosos como Gabbi Jr. (2003) e Honda (2019) que exploraram sob um enfoque epistemológico e metodológico.

A partir desse trabalho vê-se a importância do empirismo britânico sobre a metapsicologia e a metodologia de Freud, que teve contato tanto direto quanto indireto. Através desses estudiosos seguimos também pelo

manuscrito freudiano “Projeto de uma Psicologia” de onde é esclarecido a análise psicológica freudiana emprestada de Mill, cuja pesquisa se deu quase vinte anos antes de sua publicação, onde apresentou um amplo panorama das ressonâncias da filosofia de Mill no percurso inicial de Freud em seus escritos dos anos 1880 e 1890, sobretudo no que diz respeito às noções de causalidade e de representação às prescrições metodológicas e às hipóteses funcionais.

Todavia, essas investigações deixaram por fazer o estatuto da relação da psicanálise, não com a teoria do conhecimento ou a psicologia de Stuart Mill, mas sim com a parte que este mais prezava de sua obra e que acabou por se tornar a mais conhecida dela: as contribuições à ética e à filosofia política.

DESENVOLVIMENTO

É de Stuart Mill o opúsculo que se tornou a obra emblemática do utilitarismo e um dos três textos mais lidos e discutidos, juntamente com *Ética* a Nicômaco, de Aristóteles, e *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, de Kant, de toda a filosofia moral. Além disso, Mill se tornou mais conhecido “pelas suas perspectivas em filosofia ética e política do que em epistemologia e metafísica”, como ainda se deve frisar que ele “estava obviamente interessado sobretudo na teorização ética”.

Dessa forma, se a relação entre esse filósofo britânico e Freud possui tantos pontos de contato como mostram alguns autores, o que poderia aproximar o utilitarismo da psicanálise, parece natural se perguntar pelo vínculo do criador da psicanálise com essa porção mais célebre e valorizada da filosofia de Mill.

E propomos aqui trazer resultado sobre a investigação dessa relação não explorada indagando o liame entre a teoria freudiana e o utilitarismo milliano no que se refere à questão do prazer. Tal indagação praticamente se impõe quando nos lembramos de um dos conceitos mais importantes da teoria psicanalítica, o de princípio do prazer, ou seja, aquele segundo o qual as ações corretas são as que produzem mais prazer ou felicidade para a maioria, visto que, naturalmente, os seres humanos buscam o prazer e fogem da dor.

Não encontramos qualquer consideração mais detida sobre a relação entre Freud e a ética utilitarista de Mill. Ao remontar à concepção negativa do prazer presente na obra freudiana, Freud fala antes a fuga do desprazer que a busca do prazer, “uma investigação mais acurada dos pontos de convergência e divergência entre as concepções de Freud [...] e aquelas professadas pelos “hedonistas” gregos (sobretudo Epicuro) talvez se revelasse frutuosa sob alguns ângulos”. Porém, os indícios biográficos e textuais relacionando Stuart Mill ao fundador da psicanálise parecem nos oferecer uma via de acesso mais explícita ao exame da posição da

psicanálise ante a tradição hedonista. Ao mesmo tempo, partir da comparação com o utilitarismo permite que se possa estender as reflexões à tradição epicurista, pois tanto comentaristas como o próprio Mill (1863) salienta as dívidas do hedonismo utilitarista para com o epicurismo.

Pelo paralelo com Stuart Mill retomando a via aberta por Hegel e promovendo uma detalhada genealogia do *homo economicus*, deve-se ao utilitarismo um giro antropológico crucial na modernidade ocidental: o advento da concepção do conjunto das relações humanas – e não apenas as que implicam trocas econômicas – como um comércio pautado pelo cálculo de prazeres e pela demanda de felicidade. Tal concepção, em seguida radicalizada pela “escola marginalista” de economia e pelos arquitetos do neoliberalismo, deu origem à visão neoliberal de sujeito, a qual patrocina o gerenciamento de práticas de mal-estar que extraem mais trabalho dos indivíduos, gerando o enorme sofrimento e a profusão de formas de adoecimento mental que testemunhamos hoje.

Assim, interrogar qual seria a relação entre Freud e a vertente da filosofia moral que teve parte (embora apresente substanciais diferenças relativamente à visão neoliberal) na construção de uma visão antropológica cuja radicalização esgarça o laço social hoje, mostra-se indispensável, envolvendo um problema ético-político urgente.

Lacan (1948) alertou para o peso da “concepção utilitarista do homem” no “isolamento anímico” verificado em nosso tempo e, por conseguinte, no mal-estar contemporâneo, o que o levou a afastar radicalmente a psicanálise de tal concepção. Contudo, retornamos a Freud a fim de verificar qual é a medida dessa distância de fato.

Em busca de respostas a esses questionamentos, este artigo começa por recuperar brevemente as concepções de prazer e de felicidade de Stuart Mill. Em seguida, retoma as três principais conceituações do princípio do prazer na obra freudiana presentes no manuscrito “Projeto de psicologia”, no artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* e na obra *Além do Princípio do Prazer* e, muito brevemente, as considerações de Freud acerca da felicidade em *Mal-estar na Civilização*.

Por fim, o artigo compara essas concepções freudianas com as do utilitarismo clássico visando a indicação de distinções nos planos ético e político. Espera-se que, assim, possa-se aliar o trabalho de cunho epistemológico, bem desenvolvido pelas investigações em filosofia da psicanálise, com a reflexão de cunho éticopolítico, pouco frequente em tais investigações.

O conceito de prazer admitido por Stuart Mill é objeto de interminável exame e controvérsia, como ressaltam os estudiosos de sua obra, para ficarmos com uma pequena amostra de posições divergentes sobre a questão. Desse modo, não se pode esperar – e nem se pretende – que as considerações tecidas a seguir encampem toda a complexidade revelada por esse longo debate. O que se busca aqui é recuperar apenas os traços desse conceito necessários à discussão que envolve a conceituação freudiana do

prazer e da felicidade. Tais traços podem ser identificados numa célebre passagem do segundo capítulo da obra maior do utilitarismo clássico - o Credo:

O credo que aceita como fundamento da moralidade a utilidade, ou o Princípio da Maior Felicidade, sustentando que as ações estão certas na medida em que tendem a promover felicidade e erradas na medida em que tendem a produzir o reverso da felicidade. Por felicidade, entende-se prazer ou ausência de dor; por infelicidade, dor e a privação do prazer. Para se dar uma visão mais clara do padrão moral estabelecido por essa teoria, é necessário dizer muito mais em particular, que coisas são incluídas nas ideias de dor e prazer e em que medida isso ainda é uma questão aberta. Porém, essas explicações suplementares não afetam a teoria da vida em que a presente teoria se funda nomeadamente, em que o prazer e livrar-se da dor são os únicos fins desejáveis; e em que todas as coisas desejáveis [...] o são ou pelo prazer inerente a elas ou por serem um meio de promoção de prazer e de prevenção da dor".

— Mill.

Esse fragmento da obra utilitarista apresenta o centro da sua posição acerca do prazer e do princípio central da ética utilitarista, apesar de indicar que a ideia de prazer ainda não está consolidada, “uma questão aberta” – J. S. Mill.

A possível semelhança a partir do princípio da utilidade com o princípio de prazer freudiano, através das concepções de prazer e de felicidade nutridas por John Stuart Mill e por Sigmund Freud, fez-se a investigação a fim de avaliar a suposta herança milliana das reflexões freudianas a esse respeito. Nesse contexto, observamos também a distorção de interpretação da palavra utilitarista em relação ao princípio de prazer de Sigmund Freud, o fundador da Psicanálise, vê-se que a Psicanálise está pautada em sua Ética, o que derruba qualquer interpretação que poderia comprometer a autenticidade do seu trabalho de pesquisa, observação e investigação dos processos psíquicos do ser humano.

Na história da formulação do princípio que rege o modo de funcionamento do inconsciente segundo Freud, nota-se que ele foi enunciado da maneira como ficou conhecido – princípio do prazer – em 1911 - um tanto tardiamente, mais de uma década depois do início da psicanálise e do advento da obra magna freudiana - *A Interpretação dos Sonhos*. Desde então, ele havia sido denominado de maneira negativa, isto é, como “princípio do desprazer”, como se pode ver repetidas vezes em sua obra (FREUD, 1900). Embora essa denominação tenha dado lugar àquela positiva, isso não implicou substituição de uma concepção negativa por outra positiva do prazer. Pois o núcleo do pensamento freudiano sempre se manteve negativo

e, isso se deve, em larga medida, às características do próprio aparelho psíquico (Seelenapparat – alma e aparato), estabelecidas por Freud no seminal Projeto de Psicologia. Na oitava seção da primeira parte desse manuscrito, Freud destaca “uma tendência da vida psíquica para evitar desprazer” (FREUD, 1895), citando esse aparelho, basicamente, como uma estrutura de escoamento de energia a fim de mantê-la num nível constante e o suficiente para a manutenção da vida. Dessa forma, “a arquitetura do sistema nervoso serviria ao afastamento; a função, à eliminação de Q_q [quantidade de energia] dos neurônios”. Características que demandariam um enfoque do desprazer como aumento de tensão e o prazer, como “sensação de eliminação”. Há, portanto, algo na concepção própria de aparelho psíquico de Freud, sobre a qual se assenta a teoria psicanalítica, que faz o prazer ser concebido em sua forma negativa fundamentalmente, como fuga do desprazer decorrente do aumento de tensão ou pressão.

É verdade que Freud deu ênfases diversas em suas considerações sobre o prazer, como a análise de fenômenos como as piadas, a sublimação, a literatura e, sobretudo, a sexualidade que demonstram um enfoque que transcende aquele estritamente negativo. Contudo, ele se detém em explorar a diversidade de fontes de prazer e a importância da pulsão sexual na busca de satisfação e, no desenvolvimento humano o que nos mostra como algumas delas deixam ver com dificuldade tendências positivas.

Com efeito, a noção de Lust (prazer) em Freud guarda grande ambiguidade, pois designa tanto o desejo concebido como um aumento da tensão sexual, quanto sua satisfação. Dessa forma, deve-se constatar que as considerações de Freud a esse respeito têm nuances e variações. Todavia, voltamos a atenção para o núcleo negativo do hedonismo freudiano, que não é uma teoria ética, mas uma perspectiva psicológica buscando entender o comportamento humano à luz do princípio do prazer, o qual se materializa nas considerações metapsicológicas sobre o aparelho psíquico e sobre o princípio do prazer.

Ainda que nesse manuscrito (Projeto de Psicologia) não se enuncie um princípio do desprazer estritamente, por Freud designar um “princípio de inércia”, o que de fato ocorre de forma cabal na seção E do capítulo sete de A interpretação dos sonhos, Projeto de Psicologia apresenta todos os fundamentos da primeira conceituação. Como a tendência de descarga do aparelho psíquico, introduzida no manuscrito de 1895, que é retratada praticamente da mesma forma na seção C do sétimo capítulo do texto sobre os sonhos.

Também, através dos estudos, observamos uma mudança importante que ocorre de um texto para outro, a qual, por sua vez, parece se relacionar ao fato de Freud não ter insistido em aprofundar o núcleo negativo de seu hedonismo nos anos 1900. Quando se analisa os dois textos, conclui-se que a tendência primária do funcionamento psíquico de reavivar recordações desprazerosas desaparece em A Interpretação dos Sonhos.

Essa tendência havia sido identificada em Projeto de Psicologia com a análise da problemática da dor, crucial, conforme anuncia Freud, pois nos revelaria os protótipos normais para a compreensão do cerne de fenômenos patológicos com as neuroses. O que resumindo é a análise do fenômeno da dor física que serviria de modelo para a compreensão da dor psíquica ou do trauma, vinculado ao que Freud denomina “vivência dolorosa”.

Esta consistiria, fundamentalmente, no aumento de uma quantidade de energia no aparelho psíquico, sentida como desprazer, na necessidade de eliminação desta e na tentativa de impedir que a recordação dolorosa fosse reavivada (ou, nos termos do texto, que a representação do “objeto hostil” fosse “ocupada”), o que, porém, não seria possível de início, apenas mediante repetidas tentativas. Dessa forma, o retorno de tais recordações se revelaria uma tendência originária, fato que não é admitido em “A Interpretação dos Sonhos”.

A constatação do vínculo entre repressão e fantasias sexuais infantis “retira a vivência de dor descrita no Projeto da sua condição de modelo normal do trauma neurótico” colocando, no lugar deste, o desejo e a repressão. Ora, foi justamente nesse período que Freud passou a explorar as diferenças indicadas por Schuster (2016) ao analisar fenômenos como as piadas e a sexualidade infantil. Outra abordagem do princípio do prazer que ocorreu em 1911, foi com a publicação do artigo “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, onde nele ocorre uma tentativa de sistematização das hipóteses metapsicológicas que ora nos concernem, tentativa bem caracterizada pela expressão que o próprio Freud emprega para definir sua empreitada: “[...] pequeno ensaio, mais preparatório do que conclusivo” (FREUD, 1911). A primeira novidade que o ensaio apresenta é a do batismo do princípio tal como o conhecemos:

“É fácil distinguir a tendência principal a que estes processos primários obedecem; ela é designada como princípio do prazer-desprazer (ou, mais sinteticamente, princípio do prazer)”. S. Freud

Freud ressalta: “Tais processos se empenham em ganhar prazer; daqueles processos que podem suscitar desprazer a atividade psíquica se retira – que é a repressão”. Como se pode ver, o modelo para a compreensão do patológico ainda é o do desejo e o da repressão, presente em A Interpretação dos Sonhos, texto cujas “linhas de pensamento”, Freud afirma estar apenas retomando.

Porém, não se pode deixar de notar que o caráter primitivo, tanto do ponto ontogenético como filogenético, do processo primário é destacado com mais evidência: “Nós os vemos [os processos inconscientes] como os mais antigos, como primários, vestígios de uma fase de desenvolvimento [Entwicklungsphase] em que constituíam a única espécie de processos anímicos”. A expressão “Entwicklungsphase” pode ser vertida tanto como

“fase desenvolvimento” quanto “estágio de evolução”. Trata-se de um aspecto importante de diferenciação relativamente à psicologia de Mill.

No trecho a seguir vemos a distinção entre os princípios do prazer e da realidade por Freud: “Assim como o Eu-de-prazer não pode senão desejar, trabalhar pela obtenção de prazer e evitar o desprazer, o Eu-realidade necessita apenas buscar pela utilidade [Nutzen] e proteger-se dos danos”. Ao final desse trecho, Freud anexa uma nota de rodapé em que se serve de uma passagem da peça *Homem e Super-Homem*: uma comédia e uma filosofia, do dramaturgo irlandês George Bernard Shaw: “A vantagem do Eu-realidade sobre o Eu-de-prazer foi muito bem expressado por Bernard Shaw, com as seguintes palavras: [...] “Ser capaz de escolher a linha de maior vantagem, em vez de ceder na direção de menor resistência”[...]. O que queremos dizer é que, o Eu-realidade teria maior grau de domínio sobre o meio, na medida em que poderia efetuar um balanço entre opções de maior benefício. O fato de Shaw ter sido bastante influenciado pelo utilitarismo de Mill - 1947 e de Freud empregar o termo utilidade, seguido por uma nota em que se aborda a questão sob o aspecto da vantagem, poderia, à primeira vista, dar indicações do “solo filosófico” utilitarista em que o criador da psicanálise estaria a se movimentar.

Todavia, um olhar mais cuidadoso sobre a natureza da discussão presente na peça de Shaw – uma sátira da defesa de um impulso vital feita darwinismo social então em vigor nas terras britânicas nos mostra que o “solo filosófico” é outro. Se somarmos essas duas indicações da reverberação de temas evolucionários – aos quais Freud iria se lançar muito mais abertamente dentro em pouco, a partir de *Totem e Tabu* – nas reflexões freudianas à investigação de Young (1970), a qual mostra como as considerações sobre o prazer e o desprazer eram presença frequente nos vários esboços de psicologia evolucionária do século XIX – com os quais “o Projeto - pôde perfeitamente ser posto em continuidade”, o que torna difícil sustentar que aquelas reflexões teriam sido herdadas de ideias utilitaristas, de Mill especificamente.

Pois foi a “teoria da evolução que justificou a extensão do paradigma sensório-motor a todo sistema nervoso [...]” (YOUNG, 1970, p. 249), tendo dado origem, desde Herbert Spencer, a um “associacionismo evolucionário” que inspirou os grandes projetos de psicologia do século XIX. Considerando esse panorama, não parece inaceitável enxergar, antes, as vantagens do “Eu realidade” nos termos de valor à sobrevivência (sobretudo na medida em que Freud ressalta a função de “proteger-se dos danos”).

A grande abordagem, do princípio do prazer, feita em *Além do Princípio do Prazer*, fornece elementos determinantes para a discussão que ora nos interessa. Tendo isso em vista três aspectos fundamentais de um pequeno escrito de Freud devem ser destacados: O primeiro aspecto a ser destacado é a denominação clara da precedência do desprazer sobre o prazer. No parágrafo de abertura do texto, Freud afirma acreditar que o

princípio do prazer “é sempre incitado por uma tensão desprazerosa” (FREUD, 1920 p. 162).

Com a “especulação extremada” (p. 84) feita no quarto capítulo do texto, em que Freud esboça a filogênese e a ontogênese do aparelho psíquico, originado de uma espécie de vesícula protoplasmática – esboço já feito em Projeto de Psicologia, onde nota-se que tal precedência se refere tanto ao desenvolvimento quanto à evolução de tal aparelho. Dessa forma, fica patente, que “o desprazer é o grande motor que aciona e desenvolve o aparelho psíquico, o grande mestre [...]”.

Com isso, pode-se retrair uma linha de especulação filosófica que une “os primeiros discípulos de Aristipo de Cirene”, filósofo grego – pai do hedonismo, ao criador da psicanálise: “Na verdade, desde os gregos até Freud, o ocidente desenvolveu uma concepção negativa do prazer, mesmo entre seus supostos arautos”. No livreto em questão, essa concepção negativa ganha contornos mais evidentes, por Freud retomar a hipótese da vivência dolorosa engendrada em Projeto de Psicologia, o que confere ao desprazer ainda mais espaço, no qual é desenvolvida a hipótese de uma atividade psíquica regida pela compulsão à repetição. O segundo aspecto a ser destacado se relaciona às referências em que Freud ancora suas especulações. Ele faz o seguinte alerta acerca das fontes de sua empreitada, logo no segundo parágrafo da obra:

“Não é de nosso interesse investigar em que medida, estabelecendo o princípio do prazer, nos aproximamos ou afiliamos a um sistema filosófico particular, historicamente assentado. [...]. Por outro lado, com prazer manifestaríamos gratidão a uma teoria filosófica ou psicológica que nos pudesse informar sobre o significado das sensações de prazer e desprazer, que tão imperativamente agem sobre nós. Mas, infelizmente, nada de útil nos é oferecido nesse ponto. [...]. Decidimos relacionar prazer e desprazer com a quantidade de excitação – não ligada de nenhuma maneira – existente na vida psíquica de tal modo que o desprazer corresponde a um aumento, e o prazer a uma diminuição dessa quantidade”. (FREUD, 1920, p. 163).

Assim, Freud procura deixar claro não apenas seu desinteresse pela procura de suas fontes filosóficas como também a inutilidade da filosofia na tarefa de elucidação da natureza do prazer e do desprazer. Ante essa constatação, Freud indica que a elucidação deve ser obtida mediante o ponto de vista econômico da metapsicologia e, a fim de respaldá-lo, cita um dos fundadores da psicologia experimental, o psicólogo e pesquisador alemão Gustav Theodore Fechner, a um texto cujo motivo é um diálogo com a doutrina evolucionária:

“A afirmação de Fechner está no seu breve escrito *Einige Ideen zur Schöpfungs-und Entwicklungsgeschichte der Organismen* [...]” (p. 163), cuja tradução seria algo como “Algumas ideias sobre a história da criação e a evolução dos organismos”, que foi revelado por Ellenberger (1970, p. 218): “Numa avaliação crítica da teoria de Darwin da evolução das espécies, onde Fechner formulou seu “princípio da tendência à estabilidade”, um princípio finalista defendido como complementar ao princípio causal”. Tem-se assim, mais uma evidência, portanto, de que as elaborações freudianas sobre o princípio do prazer se fizeram na esteira das psicologias oitocentistas feitas em diálogo com a teoria da evolução. O terceiro aspecto a ser destacado, é a articulação que essa obra apresenta entre essa abordagem evolucionária e uma visão sobre a cultura. Ao final do capítulo quinto, após desenvolver a ideia do caráter restaurador dos impulsos vitais, pavimentando, assim, o caminho para o avanço da hipótese da pulsão de morte, Freud não aceita a ideia, já bastante ventilada, de um impulso vital rumo ao progresso:

“Para muitos de nós pode ser difícil abandonar a crença de que no próprio homem há um impulso para a perfeição, que o levou a seu atual nível de realização intelectual e sublimação ética e do qual se esperaria que cuidasse de seu desenvolvimento rumo ao super-homem. Ocorre que eu não acredito em tal impulso interior e não vejo como poupar essa benevolente ilusão. A evolução humana, até agora, não me parece necessitar de explicação diferente daquela dos animais, e o que observamos de incansável ímpeto rumo à perfeição, numa maioria de indivíduos, pode ser entendido como consequência da repressão instintual em que se baseia o que há de mais precioso na cultura humana. (FREUD, 1920, pp. 209-210).

Freud mostra a mesma descrença de Shaw, em relação a uma força vital aperfeiçoadora. A teoria da evolução havia conseguido promover a substituição da ideia de progresso pela de adaptação, tirando o ser humano do pedestal da criação ao qual ele próprio havia se alçado. Nessa perspectiva, as mais altas realizações humanas, como a ética e a cultura, nada mais seriam do que satisfações substitutivas conquistadas sob o apoio de mecanismos psíquicos -sublimação e repressão. Vê-se, dessa forma, o grande papel que a doutrina evolucionária exerceu no movimento freudiano de desmistificar o lugar da cultura.

Compreendendo o parecer freudiano sobre “programa de ser feliz” emitido em *Mal-estar na Civilização*: é “o programa do princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida” (FREUD, 1930), isto é, a felicidade, não surpreende que tal programa seja considerado pelo criador da psicanálise “irrealizável” (p. 40). Ora, se “aquilo a que chamamos “felicidade” [...] vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas”, então, ela “por

sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico” (pp. 30-31). Isso é tudo que nosso aparelho psíquico – ou nossa “constituição” – permite.

Todavia, Freud assevera que nem por isso abandonamos os esforços para realizar essa nossa quimera. Cada um vai tentar alcançá-la, seja visando à conquista do prazer ou à ausência de desprazer. A questão é que, para a psicanálise, nesse “sentido moderado em que é admitida como possível, a felicidade constitui um problema da economia libidinal do indivíduo” (p. 40). Noutros termos, Freud considera a felicidade não mais como uma tarefa ético-política, e sim como algo que depende da constituição psíquica de cada pessoa.

Uma vez que esse histórico constata a distinção entre o utilitarismo e psicanálise, vamos, também, pensar a agressividade na perspectiva do excesso pulsional em Freud e Lacan. Pela investigação no mal-estar na cultura o fundamento do mal-estar do sujeito se nomeia mal-estar na identificação. O real da pulsão em Lacan é o que resiste ao simbólico que é a pulsão de morte. Aquilo que em Freud é nomeado como pulsão de morte, mais além do princípio do prazer, e em Lacan, como o real do gozo. Excedente pulsional não regulado que, quando atuado é a violência. Então, o ato tem uma causa: a presença do real do gozo.

Lembramos ainda que, para Freud, o crime edipiano era a forma privilegiada de dar tratamento à violência pulsional. O ato criminoso se constitui numa defesa contra a angústia que sinaliza a presença do objeto. O ato é uma espécie de resposta, de tratamento pela desapareição do sujeito no ato. Culpar-se por um crime, seja ele cometido ou desejado, para Freud, seria uma maneira de se estabelecer dentro da lei do pai. Na concepção lacaniana, o assentimento ao castigo é o que garantiria a possibilidade de responsabilização. Freud ao apresentar-nos o supereu, demonstra o avesso do princípio utilitarista, apontando que o real da pulsão que escapa a qualquer artifício pode ser entrevisto na referência ao supereu, entendido como a instância que impede o equilíbrio ao encontrar no sofrimento a própria satisfação.

Nesse sentido o supereu pode ser traduzido como a divisão do sujeito em Lacan, dado que mostra que o sujeito não quer seu próprio bem, que ele trabalha contra si próprio. Lembramos de que a hipótese do supereu sustenta que o que impede que a agressividade se dirija aos outros é a própria pulsão de morte, que, através do supereu, exerce sua ferocidade contra o próprio sujeito. O real da pulsão em Lacan é o que resiste ao simbólico que é a pulsão de morte. Nos encontramos em um momento da história humana, que pode ser escrito através do matema $a > I$, em que o programa civilizatório não privilegia a interdição ao gozo. Pelo contrário, o que se coloca é um imperativo de gozar e uma oferta insidiosa de objetos, um excesso sem regras.

A crise atual da civilização não é, no entanto, um processo casual, mas, antes, um programa relacionado com a produção de um novo procedimento normativo posto na base de uma nova (in) civilização. A civilização do excesso (de gozo) é um discurso, um novo saber, poder que se

exercita sobre as vidas através da exigência de gozo. [...]. É um poder que se exerce sem metáfora, sem insígnias, sem retórica e, em alguns aspectos, sem sentido. Miller (2009) chega a apontar que, se existe culpa na contemporaneidade, seria uma culpa de não gozar.

Ele aponta em que a Psicanálise poderia ser útil à sociedade, afirmando que a Psicanálise permite ressignificar a crença na verdade, ao considerar a distinção entre o verdadeiro e o real. Como sabemos, para abordarmos o real, precisamos recorrer aos semblantes, inventar as novas ficções sociais, sejam jurídicas, educacionais, institucionais, pois ao reconhecer-se como ficção, também poderia prestar-se, ser útil, ao tratamento desse real. Uma vez que essa pulsão de destruição, ou de morte, é estrutural e que, enquanto pulsão, engendra uma busca de satisfação que não cessa, como tratá-la? A psicanálise, se consolida em sua prática, para além de sua técnica, sobretudo em sua Ética Psicanalítica.

Porquanto, sobre a contribuição que a psicanálise pode oferecer para possibilitar ao sujeito os instrumentos, ou melhor, para o sujeito se instrumentalizar para fazer escolhas, primeiro questionamos: como produzir uma outra dimensão da verdade frente à demanda político social neste tempo? A possibilidade de introduzir uma experiência da verdade que considere o sujeito e que, pela abertura da enunciação e manejo da transferência, faça vacilar o imaginário (abuso da criança pelo pai) e possa tocar a experiência do real (o real traumático da própria experiência infantil da/na mãe) e relançar o campo do desejo. Porque o fazer em Psicanálise tem uma ética própria, que no início deve ser sustentada pelo analista e que ao final de uma análise deve alcançar também o analisando. A responsabilidade pelo desejo inconsciente que age em cada um de nós, o respeito pelas diferenças do outro e a capacidade de enfrentar as dificuldades da vida, com certo grau de senso de humor, são alguns exemplos de atitudes éticas que a Psicanálise pode ajudar a conquistar.

Freud afirma que “o comportamento dos seres humanos apresenta diferenças que a Ética, desprezando o fato de que tais diferenças são determinadas, as classifica como “boas” ou “más”. Enquanto essas inegáveis diferenças não forem removidas, a obediência às elevadas exigências éticas acarreta prejuízos aos objetivos da civilização por incentivar o ser mal. Nesse sentido, Lacan confirma as palavras de Freud e nos alerta sobre um dos erros que um analista não pode cometer, “esse erro, o querer excessivamente o bem do paciente, do qual o próprio Freud denunciou constantemente o perigo”. Dizer que a Ética está para além do bem, na Psicanálise, significa dizer que, quando alguém busca a análise, a pessoa do analista ocupa um lugar privilegiado, o de ser capaz de suprir a falta, de aliviar a angústia do ser, e que o analista em questão deve saber que há um engodo nesta situação. Que apesar de imaginariamente ocupar este lugar de ser capaz de fazer o bem, o analista precisa, de acordo com Lacan, colocar-se em segundo plano, pois o que está em questão é a emergência do sujeito.

“Certamente se não fazemos parte daqueles que tentam amortecê-lo, embotá-lo, é porque estamos insistentemente referenciados, referidos por nossa experiência cotidiana”. Entendemos que não poderia ser de forma diferente a práxis em Psicanálise, pois ela nos ensina que sua Ética está calcada na “ética do bem dizer”, do bem-falar. Então, o bem é realizado por outra via que difere da questão moral”.

Jacques Lacan

Nesse sentido, a Psicanálise não é apenas uma proposta ética, mas um saber de dimensões humanistas que pode contribuir para a construção de uma ética mais adequada às condições das sociedades contemporâneas, já que considera o sujeito moderno em suas dimensões inseparáveis de conflito e liberdade, de solidão e sociabilidade. Essas dimensões fundamentais do humano estão na base da clínica psicanalítica e orientam o percurso que analista e analisando fazem juntos em direção à cura do sofrimento psíquico.

Ética do bem dizer é uma expressão lacaniana, que significa que o analisando precisa dizer a verdade sobre o que causa seus sintomas. Essa verdade sobre o sintoma está no inconsciente, e aparece de forma enigmática, pois o paciente não sabe por que está sofrendo, ele desconhece a causa inconsciente de seu sintoma. Na prática clínica, a Ética do bem dizer aparece a partir das construções que o analisando faz, pela livre associação, do seu conteúdo inconsciente sobre si mesmo.

“Para a Psicanálise, não há outro bem senão o que pode servir para pagar o preço do acesso ao desejo”. (Lacan, 1997, p.35)

Ou seja, o desejo do analista é o que, em última instância, opera na prática da Psicanálise. Por isso, é ético em Psicanálise que cada analista investigue, em sua análise, o seu desejo de ser analista. Se o analista não dá vazão ao seu desejo, coloca em questão o que é melhor para ele, ou ainda, o que ele considera “correto”, ou “ideal” para seu paciente, então isso impossibilitará que o desejo do paciente se manifeste. A regra da abstinência é o correlato direto da livre associação. É esta a máxima lacaniana acerca da ética da psicanálise para o analista: “Não ceder quanto ao seu desejo”.

Jacques Lacan

A demanda que lhe é dirigida pelo analisando é sempre a demanda de amor, o paciente pede por respostas que lhe encurtem o caminho. Portanto, a psicanálise implica renúncia à sugestão em favor de uma intervenção ativa, com o objetivo de fazer o paciente encontrar o que é próprio de seu desejo. É conduzir o paciente ao saber inconsciente.

“O princípio fundamental da abstinência – princípio ético e técnico – é o de que só há análise na medida em que a

demanda e o desejo do analisante se mantêm insatisfeitos”. S. Freud

Isso é fundamental, pois o analista não deve responder prontamente à demanda do paciente. O paciente é quem deve, após iniciar as sessões de análise tornar-se capaz de assumir o que ele deseja. Portanto, responder ao que o analisante pede significaria calar o desejo, e, na análise, o que se busca é fazer o homem tornar-se íntimo de seu desejo, de seu querer. Ao não responder à demanda, o analista convida o analisando a deslizar em sua cadeia de significantes, a falar sobre suas fantasias e, com isso, o desejo aparece como resultado do trabalho de análise.

Porquanto, a ética em psicanálise está em não fazer promessas enganosas de sucesso absoluto sobre o mal-estar humano. A ética está na proposta de aliviar o sofrimento através de um tratamento que visa à mudança de posição subjetiva, pelo trabalho de modificação dos registros de satisfação pulsionais. Ao considerarmos o inconsciente como guia das escolhas humanas, acreditamos que seja possível para o homem usar sua potência criadora, podendo ser “ético”, a partir de seu desejo. Desejo esse que está situado no campo do inconsciente e só pode ser reconhecido através do discurso falado. Assim, a questão da ética pode ser entendida como uma questão inerente ao fazer analítico, diferente da falta de ética que ocorre quando o analista se desvia de seu campo, dando respostas antecipadas ao analisante.

Freud em seus escritos sobre a técnica psicanalítica, fala principalmente sobre o que poderia desviar o analista de sua função. O que pode ocorrer é que, por conta de ruídos na escuta, devido a conteúdos próprios, o analista passe a agir como educador, sob a ótica da moral, com planos e anseios para a vida do analisando, deixando de ouvir o sujeito que ali está. Dessa forma, lembramos que “o que funda uma análise é então o desejo do analista. E funda cada vez, em cada novo início de análise”, pois o trabalho analítico que seja ético pretende que o analisante assuma uma postura ética na vida. O que “podemos dizer que a responsabilidade do analista na cura existe, mas ela não é moral, e sim, ética”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar que a contemporaneidade vem oferecendo ao sofrimento psíquico, a busca do prazer como bem supremo, que pode ser material, sensorial, intelectual ou emocional – nada espiritual, nos leva a avaliar o lugar da psicanálise diante do panorama social da atualidade. Observa-se hoje uma mudança nas formas de subjetivação, principalmente no modo que o sujeito se relaciona com a dor, como algo a ser evitado. Pode-se fazer uma relação direta da busca pela felicidade e prazer como objetivo principal da vida com o individualismo que prioriza a liberdade e os interesses pessoais acima de tudo, na medida em que felicidade e prazer, se associa à sociedade

de consumo. É nosso dever sermos felizes e a felicidade implica o consumo. Dentro dessa perspectiva, apresenta-se uma genealogia do individualismo.

Do individualismo possessivo de Hobbes, no século dezesseis, ao utilitarismo de Bentham no século dezanove, demonstrando que há uma linhagem histórica para a compreensão do hedonismo contemporâneo, um elemento importante analisado neste quadro social, o esvaziamento da esfera do político.

Observa-se hoje uma transformação na relação entre as esferas públicas e privadas, ocorrendo uma privatização da vida. Nesse contexto, a figura freudiana do desamparo ganha preeminência, apresentado como efeito da modernidade, a partir da queda dos ideais da razão universal, da crença na ciência como salvadora da humanidade e da religião como forma de proteção dos sujeitos.

Lacan reinventa a ética da psicanálise na sua prática caracterizando a psicanálise como ética. Para além da técnica como conjunto de procedimentos que repetimos mecanicamente, Lacan vai dizer que a psicanálise é uma ética. Ele vai explicar distinguindo a ética da moral: a moral é um conjunto de costumes, é aquilo se impõe a gente, que nos constrange; e a ética é uma reflexão sobre os fundamentos da nossa ação, é uma distância com relação a moral.

A moral vale para todos enquanto que a ética compreende uma singularização da relação daquele falante com a lei, com a ética. Lacan vai argumentar que a ética da psicanálise é uma ética trágica, retomando as tragédias gregas principalmente a trilogia de Sófocles: Édipo Rei, Édipo em Colono e Antígona. Essa tragédia grega da atitude fundamental que esperamos de um psicanalista, e aquilo que define a sua prática. Não é sua filiação, não são seus títulos, não é sua fama, mas a maneira como ele se coloca em relação ao que ele faz, ao que ele fala, e que Lacan vai dizer que é a radicalidade do desejo.

Antígona nossa heroína ética que aos 13 anos enfrenta Creonte, o Estado para enterrar os irmãos, porque todos merecemos um funeral... uma ética de não ceder ao seu desejo, algo novo que a psicanálise traz para o mundo, atitude de não obediência, de não minoridade, mas de reflexão, de fundamentação da nossa ação, não a partir da moral, dos costumes, dos bons exemplos, dos princípios, mas do desejo do sujeito.

Você age em conformidade com seu desejo ou não? Ou seja, essa é a grande medida que Lacan traz para mostrar que a psicanálise funciona a partir disso. E partir daí ele vai desdobrar a ética da psicanálise em alguns exemplos, quando ele diz que a ética da psicanálise é expandir o universo da falta, da nossa relação com aquilo que causa o desejo que é a falta. Não é positividade, o que nos atrai, mas é o que nós sentimos como falta que é fundamentalmente o desejo do outro, é isso que sempre estamos sedentos, que não conseguimos apropriar, objetivar.

O desejo do homem é o desejo do outro e o desejo do outro e o desejo do homem tem sua origem na falta. E expandir a falta em Freud é uma

máscara, um codinome que é a castração, o fundamento do nosso fazer. Por isso o que define um psicanalista e o que ele forma no seu percurso, na sua análise pessoal, nas suas supervisões, nos seus estudos, não é um saber sobre os outros, uma visão de mundo, mas um desejo, que em Lacan é o desejo do psicanalista, o desejo de levar a análise adiante, desejo de levar a análise de seu analisante adiante.

Isso é compatível com um certo entendimento sobre a criação que vamos ver no filósofo Heidegger contemporâneo de Lacan que diz que a criação pensando no modelo grego é como dar uma espécie de invólucro para o vazio, envolver o vazio. É criar situação onde a negatividade pode ser transmitida. Lacan vai dizer que é exatamente isso que caracteriza a psicanálise, por isso ela tem uma relação histórica com um tipo de amor, uma forma de pensar o amor que é o amor renascentista em que a dama é elevada a dignidade de uma coisa, inatingível, de um objeto que representa a negação de todos os objetos particulares. Isso é uma espécie de coisa, modelo de sublimação, um exemplo para a ética da psicanálise.

Concluindo, a ética da psicanálise que está por ser formulada é uma ética que resiste ao exercício do poder, ela suspende o exercício do poder, da dominação do outro, da direção de consciência, tentando levar o outro na direção de seu próprio desejo. Isso é conseguido porque o psicanalista marca em sua experiência que ultrapassou esse limite.

Assim, neste tempo, o que presenciamos é o que podemos dizer de socialismo onde o sujeito não resolve o problema mas repete o drama com novos personagens, novos discursos. O que tínhamos antes era o trabalhador assalariado, agora as minorias... porque o socialismo, nesse sentido, também não busca transformar a sociedade de fato. Ele se alimenta do desejo de transformação, só que nunca permite que a transformação aconteça de fato porque realizar a promessa é matar o desejo e não tendo desejo, não há reconhecimento e aí o socialismo fica inexistente. Então, o que se tem são promessas que excitam e se sustenta como uma fantasia erótica coletiva.

Eis a visão da Psicanálise: Sustentar o desejo de ser psicanalista através do tripé da psicanálise – teoria, análise e supervisão.

“Juramos perante todos os poderes do homem e, acima de tudo, perante nossas próprias consciências, fazer dos ensinamentos básicos da Psicanálise uma chama sempre viva, que iluminará perenemente os imensuráveis caminhos que devemos percorrer em busca da verdade, do direito e da fé para com nossos semelhantes.

REFERÊNCIAS

DARDOT, P.; LAVAL, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Bomtempo.

DONNER, W. (2009). *A filosofia moral e política de Mill*. In: DONNER, W.; FUMERTON, R. John Stuart Mill. Lisboa: Edições 70, p. 213-280.

GABBI JR, O. F. (2003). *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1895). *Projeto de psicologia*. In: GABBI JR, O. F. *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 171-260.

FREUD, S. (1990). *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras - Obras Completas, vol. 4.

FREUD, S. (2010). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. São Paulo: Cia. das Letras, p. 108-121 - Obras Completas, vol. 10.

FREUD, S. (2010). *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, p.161-239 - Obras Completas, vol. 14.

FREUD, S. (2010). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-122 - Obras Completas, vol. 18.

FUMERTON, R. *Lógica, metafísica e epistemologia de John Stuart Mill*. In: Lisboa: Edições 70, 2009.

HONDA, H. *Raízes britânicas da psicanálise: Stuart Mill, Hughlings Jackson e a metodologia freudiana*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

LACAN, J. (1948). *A agressividade em psicanálise*. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 104-126. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

LACAN, J. *O seminário*, livro 7: a ética em psicanálise. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SAFATLE, V.; SILVA JR, N.; DUNKER, C. (Orgs). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 47-75.

MONZANI, L. R. FREUD, S. *O movimento de um pensamento*. Campinas: Unicamp, 1989.

SIMANKE, R. T. *Mente, cérebro e consciência nos primórdios da*

metapsicologia freudiana: uma análise do Projeto de uma psicologia (1895). São Carlos: EDUFSCar, 2007.

SIMANKE, R. T.; CAROPRESO, F. *Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana*. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2006, p. 207-224.